

LITERATURA E CIDADE: RETRATOS DE LEITURAS DA VIOLÊNCIA URBANA EM *CIDADE DE DEUS*, DE PAULO LINS

Jade Cardozo Magalhães dos Santos

Ewerton de Freitas Ignácio

Morros e favelas cariocas

Historicamente, questões atreladas à ação de políticas públicas diretamente relacionadas ao lugar em que o homem ocupa no espaço se verificam com contornos específicos, embora com alguns pontos em comum, em várias partes do globo. Desse modo, assim como ocorreu a planificação urbana no período da revolução industrial inglesa, cuja população campesina foi expulsa para o meio urbano com o objetivo de implantar, por meio dessa ação, a força de trabalho necessária para as indústrias (Castelnou, 2006), houve, de forma similar, durante o processo de urbanização carioca, a ação estatal na cidade do Rio de Janeiro ao deslocar a população carente do centro da cidade para as áreas periféricas, dando-se início a um processo de favelização (GOMES, 1994).

É possível perceber que tal ação foi malsucedida porque afastou dos bairros nobres e do centro da cidade a classe marginalizada da sociedade carioca que já habitava outras favelas, mas gerou diversos conflitos – como a disputa de território entre traficantes – entre a própria população moradora do conjunto habitacional, e também originou conflitos que ultrapassam a área da favela, como a violência urbana em forma de furtos, assaltos, molestamentos e agressões em geral nas outras regiões da cidade do Rio de Janeiro.

Nota-se, no contexto da ficção analisada, que a medida mais adequada e de responsabilidade principal do governo carioca não seria somente a criação de um conjunto habitacional que abrigasse a população que sofreu a destruição de suas casas, em outras favelas, onde habitavam anteriormente. Também não seria o afastamento de uma parcela da população para áreas mais distantes que resolveria a questão do desemprego, da pobreza, da marginalidade e da violência como pode ser percebido com os relatos que compõem a obra de Paulo Lins.

Segundo Valladares (2000, p.7), que não se deteve somente às questões da insalubridade dos cortiços cariocas e da reforma de Pereira Passos do século XX, “Os estudiosos do cortiço do Rio de Janeiro mostram que essa forma habitacional correspondeu à ‘semente da favela’”, uma das hipóteses seria a de que a destruição do maior cortiço de todos, o “Cabeça de Porco”, teria como consequência a ocupação ilegal e irregular dos morros no início do século XX (conhecido como morro da Providência e, posteriormente, como morro da Favella).

Além disso, a autora discute que o mesmo discurso higienista que recaía outrora sobre os cortiços e seus moradores, volta-se contra a favela e seus habitantes, sendo condenados por sua situação e moradia. Exemplo disso foi uma iniciativa de sanear o morro da Favella, em 1907, sob a liderança de Oswaldo Cruz, cujos moradores foram intimados a saírem do local e foram sempre

julgados pejorativamente conforme é dito no *Jornal do Brasil*: “As três autoridades vão trabalhar de commum acordo, para melhoria das condições hygienicas dos referidos morros, expurgando-os ao mesmo tempo das maltas de desocupados que alli existem nos referidos casebres” (VALLADARES, 2000, p. 8).

Por fim, Valladares confirma o crescimento descontrolado da população e das habitações ilegais no cenário do Rio de Janeiro. E também revela os problemas de insalubridade, segurança e infraestrutura das favelas. Por meio de relatos de jornalistas, inseridos no artigo, é possível perceber a questão das autoridades criminosas dentro da favela que “não conhece polícia, não conhece impostos, não conhece autoridades, conheceu Zé da Barra e a ele teve que obedecer” (VALLADARES, 2000, p. 11), sendo esse um dos possíveis problemas iniciais que também ajudou a intensificar a violência urbana nesse espaço social.

Violência Urbana

Nildo Viana (2012) afirma que a violência urbana, em linhas gerais, se verifica no interior de relações sociais em que determinados grupos ou indivíduos impõem algo a outro grupo ou a outros indivíduos, consistindo, portanto, em uma relação de imposição. Quando essas relações de dominação se estabelecem, têm início os conflitos, as lutas entre um grupo social e outro, como formas de contestação da dominação e do controle que ocorre nos domínios do espaço cidadão.

O estudioso afirma, ainda, que a violência urbana é uma forma específica de violência e que o critério de classificação utilizado para ela seria o espaço em que ela se processa, uma vez que há também cenas e fatos violentos ocorridos fora do espaço cidadão. Quando esses mesmos fatos se processam na cidade, tem-se a evidência, segundo Viana, das marcas de um intenso e extenso controle humano sobre o espaço social da cidade, revelando-se esta como um ambiente de controle rígido constituído por relações sociais verticalizadas, em que vigora a lei do mais forte, não mais em termos de força física, mas sim em termos de outras formas de dominação, pautadas sob a égide do capital.

Além disso, na medida em que a cidade se consolida principalmente por meio do processo de expansão da divisão social do trabalho e do desenvolvimento das forças produtivas, sendo essa uma diferença entre as cidades antigas e as cidades maiores e mais sólidas (Viana, 2012, p. 19–20). Sendo as relações sociais opressoras em potencial de certos indivíduos e classes, a cidade passa a ser também local de conflitos devido à organização desigual desse espaço.

Essa leitura da violência urbana, permeada por relações sociais pautadas pela desigualdade, também é feita por Zigmunt Bauman. Para o sociólogo polonês (2009), as grandes cidades contemporâneas vivenciam grandes contrastes de ordem social e econômica: os ricos tendem a enriquecerem ainda mais e os pobres tornam-se ainda mais miseráveis. Nesse contexto, quem possui dinheiro paga pela própria segurança e, quem não tem, submete-se à proteção do Estado, muitas vezes falha e ineficaz. Em meio a esse cenário, surge espaço para o medo e a constante sensação de insegurança.

O romance que neste trabalho será analisado retrata e veicula os descontentamentos individuais e coletivos de uma população que reage à realidade de forma violenta – mesmo que essas ações violentas não tenham legitimidade para transformar o quadro desses sujeitos – externando, dessa forma, a sua insatisfação diante das condições precárias de vida e de habitação. As personagens retratadas vivenciam experiências urbanas (GOMES, 1994) balizadas por questões como medo, dor, insegurança em meio a contextos em que vigoram cenas de violência e de altíssimos níveis de criminalidade.

Cidade de Deus: retrato da violência e do crime

Cidade de Deus (1997), de Paulo Lins, é uma narrativa que retrata um espaço já conhecido dos brasileiros, qual seja o das favelas cariocas, onde se multiplicam, principalmente, a miséria, a criminalidade e a violência entre grupos inimigos na disputa pelo poder ligado ao narcotráfico.

De acordo com o que o próprio autor circunstancia ao final do romance, em “Nota e Agradecimentos”, (Lins, 1997, p. 403), a obra é baseada em fatos reais. O enredo gira em torno de fatos vivenciados por diversas personagens de diferentes extratos sociais, e o espaço narrativo, como se mencionou, tem um correspondente no plano da realidade, qual seja a Cidade de Deus, bairro desmembrado de Jacarepaguá, oriundo de um conjunto habitacional situado na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro. Foi construído em 1960, no governo do então estado da Guanabara, durante o mandato de Carlos Lacerda. A região ficou famosa após o filme “Cidade de Deus” (2002), dirigido por Fernando Meirelles.

Após ter sofrido um intenso processo de expansão, o local se configura como fruto de um crescimento desorganizado e caótico, habitado por indivíduos que são tanto agentes quanto vítimas da criminalidade e do fortalecimento do crime organizado. Nesse sentido, a violência, o crime e o constante uso de drogas ilícitas são aspectos pontuais da obra.

Desde os primeiros anos da infância, a maioria das personagens já é integrante do crime. Já na primeira parte do livro, denominada “A História de Inferninho”, os jovens Barbantinho e Busca-Pé “fumavam um baseado” (LINS, 1997, p. 11) enquanto o primeiro refletia sobre o futuro e desejava ser salva-vidas, pois naquele momento, à beira do rio, e sob o efeito da droga, sentia-se como um deles e tinha o desejo de salvar quantas vidas pudesse.

Busca-Pé, em um momento de recordação, recorda-se dos primeiros tipos de violência da infância: o dia em que foi pegar bambu para uma festa junina e teve que sair correndo, para não ser atacado por cachorros que o caseiro do sítio soltara propositalmente. Logo em seguida, recorda-se do autorama que nunca pôde ter, da alegria “subitamente desfeita” (LINS, 1997, p. 12), dos tempos em que vendia pão, picolé, catava garrafas, descascava fios de cobre, vendia-os no ferro velho para dar dinheiro à mãe:

Doeu pensar na mosquitada que sugava seu sangue deixando os caroços para despelarem-se em unhas, e no chão de valas abertas onde arrastara a bunda durante a primeira e a segunda infância. Era infeliz e não sabia.

Resignava-se em seu silêncio com o fato de o rico ir para o exterior tirar onda, enquanto o pobre vai pra vala, pra cadeia, pra puta que o pariu. Certificava-se de que as laranjadas aguadas-açucaradas que bebera durante toda a sua infância não eram tão gostosas assim. Tentou se lembrar das alegrias pueris que morreram, uma a uma, a cada topada que dera na realidade, em cada dia de fome que ficara para trás. (LINS, 1997, p. 12).

Nesse momento, a personagem teve o desejo de ir ao padre Júlio recolher em uma sacola os pecados confessados e refazê-los. Pensava em um dia aceitar os inúmeros convites de assaltos que lhe faziam. Posteriormente, refletia sobre os “caretas” e – pessoas das quais ele não gostava por serem contrários ao uso da maconha.

Ao longo da narrativa, surgem sinais de uma violência aparentemente “natural”, ou pelo menos naturalizada, dada a frequência com que ocorre naquele espaço urbano: enquanto Busca-Pé e Barbantinho se erguem para ir embora, a água do rio fica tingida com o sangue de um novo defunto que se aproxima, arrastado pelas águas, vestido “de calça Lee, tênis Adidas sanguessugas sugando o líquido encarnado e ainda quente” (LINS, 1997, p.14).

É evidente que, naquela realidade permeada por violência e medo, a guerra imperava sobre tudo e sobre todos, na medida em que “era aquela que vinha a obrigar bala perdida a se alojar em corpos inocentes” (LINS, 1997, p.14), a mesma que fez com que Busca-Pé chegasse até sua casa com sentimento de profundo desespero, invocando as entidades de seu credo a fim de sossegá-lo, de apaziguar-lhe o espírito amedrontado.

Nota-se, nesse momento, que, mesmo habitando esse espaço em que a violência faz parte do cotidiano de todas as pessoas, a personagem não está completamente afeita nem acostumada a esse contexto, já que a realidade que se lhe afigura o amedronta. Em *Cidade de Deus*, a julgar pela realidade retratada e pelo modo como as personagens se posicionam e sofrem as agruras desse meio mais do que nunca vale a máxima de Guimarães Rosa, circunstanciada em vários momentos narrativos em *Grande sertão: veredas*, segundo a qual “viver é perigoso”.

A sensação de medo e de desnorтеio de Busca-Pé não é exceção na narrativa, já que a história da maior parte das personagens é arraigada pelo descontentamento ante as suas situações existenciais. Inferninho é uma personagem que, quando se recorda da família, sente-se revoltado pelo fato de pai ter vivido sempre embriagado; a mãe ser uma meretriz e o irmão, Ari, homossexual. Além disso, havia a recordação do dia em que colocaram fogo no barraco de sua família, que mataram a avó Benedita queimada, causando-lhe mais vontade de fazer mal aos outros, de “matar toda aquela gente branca, que tinha telefone, carro, geladeira, comia boa comida, não morava em barraco sem água e sem privada” (LINS, 1997, p.23) por sentir que todas as pessoas tinham culpa do estado de infelicidade em que sua vida se desdobrava.

Por optarem pela vida do crime, a maioria das personagens era perseguida constantemente pela polícia, que queriam vivos ou mortos os traficantes e os demais delinquentes que, igualmente, planejavam suas ações (roubos, furtos, tráfico e assassinatos) cotidianamente. Um policial muito citado no decorrer da narrativa era conhecido como Cabeça de Nós Todo, um policial militar que “não desistia de agarrar ou matar Tutuca” (LINS, 1997, p. 28). Além disso, quando era o dia de

plantão desse policial, os bandidos tinham maior cuidado ao saírem pelo conjunto habitacional, pois Cabeça de Nós Todo “era astuto como o Diabo e conhecia bem o conjunto” (LINS, 1997, p. 30).

Outra forma de violência presente na obra diz respeito à atitude de intimidação que se dava entre os novos moradores da Cidade de Deus. Quanto mais negativa fosse a reputação da favela de onde vinham, mais fácil era para intimidar as outras pessoas:

Os adolescentes utilizavam-se da fama negativa da favela onde haviam morado para intimidar os outros em caso de briga ou até mesmo nos jogos, na pipa voada, na disputa de uma namorada. Quanto maior a periculosidade da favela de origem, melhor era para impor respeito [...]. (LINS, 1997, p.31–32).

Alguns desses novos moradores não se relacionavam bem com as pessoas que vieram de outras favelas para viver no conjunto habitacional, como foi o caso de Tutuca, Inferninho e Martelo, personagens que só se aproximaram por já terem se conhecido no contexto de suas vidas em meio ao crime.

Além de conviverem em um conjunto habitacional em que não havia segurança e condições socioeconômicas favoráveis, a população carecia também de educação. Isso é notável quando Barbantinho e Busca-Pé saem da escola por falta de professores. Falta a essas personagens instrução e cuidado familiar, o que se verifica quando Acerola sai de casa para fumar um “baseado”, fingindo se arrumar para ir à escola: “Acerola havia saído cedo de casa; tomou café com seu irmão mais novo, arrumou-se como quem ia para a escola, mas estava ali, batendo gazeta, a fim de fumar um baseado para rir conforme a manhã” (LINS, 1997, p. 39).

São nessas mesmas condições de carência que a violência é gerada “naturalmente” no decorrer da ficção:

Tinha de mandar dinheiro para a mãe [...] O bicho-solto entrou na primeira birosca que viu, não tinha tempo para escolher uma parada boa para achar. Com o revólver de cão para trás ordenou:
- Todo mundo quietinho aí! Vai botando tudo pra fora senão o bicho pega!
[...] Por não ser atendido de pronto, Inferninho acertou em cheio um tapa no rosto do que lhe era mais próximo e ordenou que colocassem os pertences no balcão. (LINS, 1997, p. 41)

Inferninho, no auge de sua juventude, tinha em mente, de modo arrogante, que teria tudo o que desejasse. Tudo ele conseguiria por meio de suas mãos, de sua atitude de “sujeito homem”, mediante a qual estava disposto a matar, a encarar qualquer pessoa, não tinha medo nem de policial. Contava com a “pombagira” e sonhava com “a boa”, que para os bandidos seria uma grande conquista de ascensão socioeconômica por meio da vida criminosa (Lins, 1997, p. 42). Assim como ele, outras personagens aderem ao crime como uma alternativa de vida ou uma escapatória da realidade indesejada.

Quando sua avó morre, ele decide que não viveria mais sem as condições financeiras que almejava. Mesmo sendo muito jovem, Inferninho já havia se envolvido com os bandidos do

conjunto habitacional: escondia armas, endolava maconha e assim ia se integrando mais no crime. Para ele, trabalhar como qualquer outro cidadão era como ser escravo, não queria receber ordens de “branco”:

Na verdade a morte da avó serviu somente de atenuante para seguir o caminho no qual seus pés já tinham dado os primeiros passos, porque, mesmo se a avó não morresse assassinada, seguiria o caminho que para ele significava não se submeter à escravidão. Não, não seria otário de obra – deixava essa atividade, de bom grado, para os paraíbas que chegavam aqui morrendo de sede. (LINS, 1997, p.43)

As mulheres também começavam a roubar desde cedo, um exemplo disso é a personagem Berenice que, desde criança, roubava alimentos nos mercados do Leblon e de Ipanema. Mais tarde, passou a roubar dinheiro e joias das mulheres na feira da Zona Sul: “começara ainda menina roubando alimento das prateleiras dos mercados do Leblon e de Ipanema. Agora só roubava as madames nas feiras da Zona Sul (LINS, 1997, p. 47).

Inho, por seu turno, é uma personagem que assume um comportamento inspirado no dos bandidos mais enérgicos do conjunto, como Inferninho e Grande. Ao se tornar homem, adota outro nome (Zé Miúdo) e passa a ser muito mais temido do que os antigos bandidos, tornando-se a personagem mais violenta da história.

Ainda criança, ao planejar um assalto ao motel, Inho aguardava fora do local enquanto os pensamentos de revolta vinham à tona:

Gostava de ser bandido, tinha sede de vingança de alguma navalhada que a vida fizera em sua alma, queria matar logo um montão para ficar famoso, respeitado assim como Grande lá na Macedo Sobrinho. Alisava o revólver como os lábios alisam os termos da mais precisa premissa, aquela capaz de reduzir o silogismo a um calar de boca dos interlocutores. (LINS, 1997, p.64–65)

O desejo por ser o motor da violência habita Inho desde cedo e, no assalto ao motel, irrompe por meio de sua atitude de, contrariando as ordens do bando, entrar no motel e começar a invadir os apartamentos e a atirar nas pessoas que há haviam sido assaltadas por seus comparsas:

Lá no motel, Inho andava pelo corredor do segundo andar à procura de vítimas. Querixa roubar, aleijar, matar um Zé-mané qualquer. Os hóspedes, assustados com os tiros, verificavam as portas. Inho forçou a primeira, a segunda, invadiu a terceira depois de atirar na fechadura, como faziam os mocinhos dos filmes americanos. Um casal acordou para receber os tiros, ainda que de raspão. Fez a limpa. Invadiu outro quarto. O homem tentou reagir e foi atingido por uma bala no braço. (LINS, 1997, p. 71).

Verifica-se ainda, na obra, que o desejo das personagens de um dia mudarem o rumo de suas vidas, ascendendo social e economicamente por meio do crime não sai do campo da ilusão e dos desejos malsucedidos. Inferninho é exemplo dessa situação: personagem que se envolveu, logo na infância, em assaltos, tráfico e práticas criminosas e que, já na juventude, foi assassinado

pelo detetive Belzebu – outra personagem violenta e gananciosa que busca um cargo melhor na polícia e, para isso, procura ser o mais violento possível, como o foi, anteriormente, o policial denominado Cabeça de Nós Todo –, *Inferninho* exemplifica e tipifica a realidade de muitos na obra, personagens cuja vida dialogam, de modo pertinente, com a máxima segundo a qual “o crime não compensa”.

Considerações Finais

De acordo com Robert Castel, vivemos atualmente o advento do retorno das “classes perigosas” (2005, p. 47). Originalmente, essas classes se constituíam por um excesso de pessoas, momentaneamente excluídas e destituídas de sua funcionalidade social. As novas “classes perigosas”, porém, são compostas por pessoas incapacitadas para uma reintegração social, as quais não se tornariam úteis nem depois de uma assimilação pela sociedade. Ao comentar sobre essa questão, Zygmunt Bauman defende a idéia de que nos dias atuais “a exclusão não é percebida como resultado de uma momentânea e remediável má sorte, mas como algo que tem toda a aparência de definitivo” (BAUMAN, 2009, p. 23).

Ainda de acordo com Bauman, “as cidades contemporâneas são os campos de batalha nos quais os poderes globais e os sentidos e identidades tenazmente se encontram, se confrontam e lutam” (BAUMAN, 2009, p. 35). Tendo isso em mente, torna-se válido afirmar que o drama da violência retratado em *Cidade de Deus* assume ares de algo definitivo, sendo os episódios representados cristalizações de experiências e situações inelutáveis, imutáveis.

Nesse sentido, os problemas e entraves de ordem social e econômica, retratados na obra, veiculam experiências urbanas de personagens que são tanto vítimas quanto agentes da violência, uma violência que corrói as relações, mina quaisquer indícios de confiança no outro e que assume ares de uma realidade contra a qual não há possibilidade de luta, muito menos de êxito nessa luta.

Trata-se, ainda, de uma violência recíproca e socialmente espalhada: os policiais, representantes dos mecanismos coercitivos do Estado, respondem à violência dos contraventores com mais violência, e os traficantes, por sua vez, respondem a essa violência com ainda mais violência, aniquilando vidas tanto de indivíduos que buscam no crime uma forma de se sobressaírem e de ascenderem economicamente quanto a de pessoas que buscam viver e trabalhar de forma honesta, seja dentro ou fora da favela, o que termina por perpetuar essa realidade de crime e violência na favela carioca.

Além de esse quadro de violência assumir ares de algo imutável, ressalte-se também a sua naturalização no quadro social urbano, na medida em que os assassinatos, estupros e violências de toda ordem, dada a frequência com que ocorrem, passam a integrar o cotidiano dos habitantes de uma forma naturalizada. A esse respeito, ao realizar uma leitura de *S. Bernardo*, de Graciliano Ramos, com enfoque no episódio em que Paulo Honório espanca seu empregado Marciano, sendo depois interpelado por Marina, Jaime Ginzburg (2013) afirma que, para o dono das terras da fazenda São Bernardo, que considera natural a surra que dera em seu empregado, “a violência está naturalizada” (2013, p. 21–22), sendo inclusive intrínseca ao modo de ser do

protagonista. O mesmo se verifica em *Cidade de Deus*, romance em que, a exemplo de S. Bernardo, cenas de violência são tidas como naturais pelas personagens. Não obstante, se no romance do escritor alagoano a violência ainda tem uma voz que a questiona, como ocorre quando Marina interpela o esposo, tentando chamá-lo à razão, na obra de Paulo Lins as vozes contrárias à violência são silenciadas por essa mesma violência, de modo que nada mais a questione, nada mais lhe bote freio, nem o poder exercido pelo Estado.

O romance de Paulo Lins se configura, dessa maneira, como uma obra em que não há escape para o indivíduo, muito menos possibilidade de redenção: é uma obra em que a violência é cíclica e, por isso, ininterrupta, sendo o final da obra, nesse aspecto, algo emblemático, a violência culmina com a morte de seu agente – quando Zé Miúdo morre atingido por uma bala no abdômen – e se perpetua, essa mesma violência, pelas ruas e becos da favela, uma violência sem fim.

REFERÊNCIAS

ABREU, Maurício. **Reconstruindo uma história esquecida**: origem e expansão inicial das favelas no Rio de Janeiro. In: Espaço & Debates. São Paulo: Núcleo de Estudos Regionais e Urbanos, ano XIV, 1994, n.37. pp 34–46.

CASTEL, Robert. **A insegurança social**: o que é ser protegido? Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

CASTELNOU, Antonio. **Introdução à arquitetura**. Curitiba: UFPR, 2006.

GINZBURG, Jaime. **Literatura, violência e melancolia**. Campinas: Autores Associados, 2012.

GOMES, Renato Cordeiro. **Todas as cidades, a cidade**: literatura e experiência urbana. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LINS, Paulo. **Cidade de Deus**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

PAIVA, Marcelo Rubens. Cidade de Deus, o livro, dá voz a quem não tem mais nada. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 16 ago. 1997.

VALLADARES, Licia. A Gênese da Favela Carioca. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.15, n.44, p.5–34, outubro 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v15n44/4145.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2013.

VIANA, Nildo. **Violência urbana**: a cidade como espaço gerador de violência. Goiânia: Edições Germinal, 2012.